

O INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO DA COREIA DO SUL: 1997-2010

Elton Jony Jesus Ribeiro*

1 INTRODUÇÃO

A Coreia do Sul obteve, desde a década de 1960, espetacular evolução em sua economia. Nesse período, o produto interno bruto (PIB) do país teve taxa média anual de crescimento de 7%, que elevou sua renda *per capita* de US\$ 155,90, em 1962, para US\$ 27.310,00, em 2009.¹ Como consequência dessa evolução, em 2010, o país figurava na 12ª posição do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), a frente de países desenvolvidos como a Suíça e a França (PNUD, 2010). Neste processo, a Coreia do Sul montou um parque industrial moderno baseado em grandes conglomerados familiares, denominados *chaebols*.

Essa evolução não se deu, entretanto, sem sobressaltos. Pelo contrário, a crise financeira que atingiu o país em 1997 representou um desafio significativo ao desenvolvimento econômico sul-coreano ao colocar em xeque o modelo industrial sobre o qual ele foi construído. Como resultado da crise, além de promover ampla reforma nas empresas locais, o governo sul-coreano viu-se forçado, tanto por pressões externas como por necessidades internas, a liberalizar a conta de capital do seu balanço de pagamentos, abrindo o mercado para a entrada e a saída de investimento direto estrangeiro (IDE).

O objetivo deste trabalho é apresentar as mudanças ocorridas no fluxo e no estoque de IDE da Coreia do Sul a partir da crise financeira de 1997 até 2010,² com a atenção voltada para os investimentos realizados pelas empresas do país no exterior.

* Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais (Dinte) do Ipea.

1. Medido pelo critério de paridade de poder de compra. Fonte: World Bank Indicators.

2. Os dados de IDE utilizados neste trabalho provêm de duas fontes principais: a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), disponível em: <<http://unctadstat.unctad.org>>; e a The Export-Import Bank of Korea (Korean Eximbank), disponível em: <<http://www.koreaexim.go.kr>>. Os dados disponíveis desta última vão até 2010, mas os da primeira apenas a 2009. Outra importante observação é que há discrepância entre os valores de saída de IDE entre as duas fontes, embora as tendências apresentadas sejam as mesmas. Por esta razão, os dados das duas fontes não são, em nenhum momento, objetos de comparação uns com os outros.

2 INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO DA COREIA DO SUL

No processo de reestruturação pós-crise de 1997, o fluxo de IDE esteve entre os elementos mais afetados da economia sul-coreana. Apesar da discussão quanto à eficácia das reformas realizadas, tanto a saída como a entrada de IDE foram afetados por elas.

Até o fim da década de 1980 e o início da de 1990, os investimentos diretos eram rigorosamente controlados pelo governo coreano. De um lado, procurava-se evitar a saída de capitais em uma economia que sofria de forte escassez de divisas – só a partir da segunda metade da década de 1980 a Coreia do Sul passou a apresentar superávits em conta-corrente. De outro, o governo queria impedir o controle de capitais estrangeiros sobre setores importantes da economia do país. Entretanto, com o aumento dos custos internos do trabalho, a persistência de barreiras comerciais que dificultavam a entrada das exportações coreanas em outros mercados, a melhora no balanço de pagamentos e a consequente apreciação do *won*, além da necessidade de atrair capitais de longo prazo para evitar as fortes oscilações de curto prazo na conta de capital, o governo começou a liberar a saída de IDE.

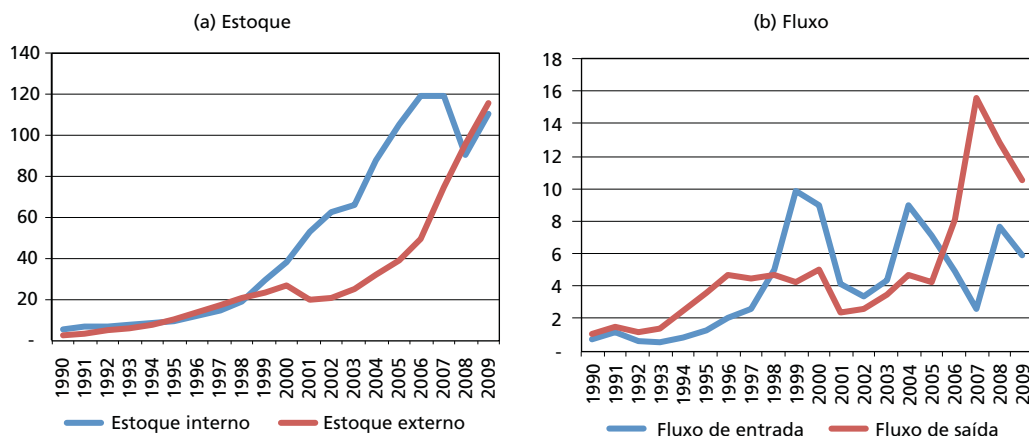
Até o início da liberalização, os investimentos aprovados pelo governo visavam ao suprimento interno de matérias-primas e de recursos naturais para suportar o crescimento das indústrias pesada e química. Com ela, a manufatura passou a ser o principal alvo dos IDEs, que fluíam em direção aos países com baixos custos de mão de obra do sudeste da Ásia, para as indústrias intensivas em trabalho, e aos Estados Unidos e à Europa, com o objetivo de adquirir *know-how* tecnológico e suplantar barreiras comerciais (YANG *et al.* 2009; KIM; RHE, 2009).

Entretanto, ainda era exigida a autorização do governo para a realização de investimentos. A liberalização só se completou com os efeitos da crise de 1997 e dos acordos firmados com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) – a Coreia entrou nesta organização em 1996 – e com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Esta liberalização permitiu que investimentos a serem realizados fossem apenas notificados ao órgão competente. Tal mudança, somada à conjuntura favorável à entrada de IDE no mercado coreano, teve impacto significativo, em primeiro momento, sobre essas entradas e, depois, sobre os fluxos de saída de investimentos diretos (gráfico 1).

Em 1998, o IDE realizado no exterior foi superado pela entrada de investimentos tanto em termos de estoque como de fluxo. A forte depreciação do *won* que se seguiu à crise, com a liberalização da conta de capital para suprir a crônica escassez interna de divisas, fez que houvesse entrada massiva de investimentos (MIN, 2006), cujo estoque saltou de US\$ 14 bilhões em 1997, para US\$ 29 bilhões em 1999, alcançando o pico de US\$ 120 bilhões em 2007.

GRÁFICO 1
Evolução do IDE – 1990-2009

(Em bilhões de US\$)



Fonte: WIR Statistics (UNCTAD).

Quanto ao estoque externo de IDE, este continuou subindo, mas a ritmo menor do que a entrada, entre 1996 e 2000, depois sofreu forte queda entre 2000 e 2001. Apenas a partir de 2003, quando o governo deu um passo para além da liberalização, com uma série de medidas de apoio à saída de investimentos diretos, é que o fluxo de saída de IDE começou a subir vertiginosamente até que, em 2008, o estoque externo de investimentos ultrapassou o interno.

As principais medidas tomadas pelo governo foram: *i*) suporte financeiro por meio de provisão de empréstimos que cobriam até 80% do total investido – 90% para pequenas e médias empresas;³ *ii*) deduções de impostos pagos no exterior para evitar a bitributação, além de acordos bilaterais com outros países nesse sentido; e *iii*) fornecimento de serviços, como seguros, centros de coleta de informações em países alvos etc.⁴

O crescimento dos valores desembolsados em fusões e aquisições (F&A) pelas companhias coreanas é outro indicador importante dos resultados dessas medidas. Depois de um desempenho inexpressivo em 2001 e 2002, as empresas sul-coreanas se engajaram em F&A no exterior, cujo auge se deu em 2007, quando elas investiram cerca de US\$ 8,5 bilhões. Desde então, essas companhias têm despendido mais recursos em F&A do que as empresas estrangeiras no mercado coreano (gráfico 2).

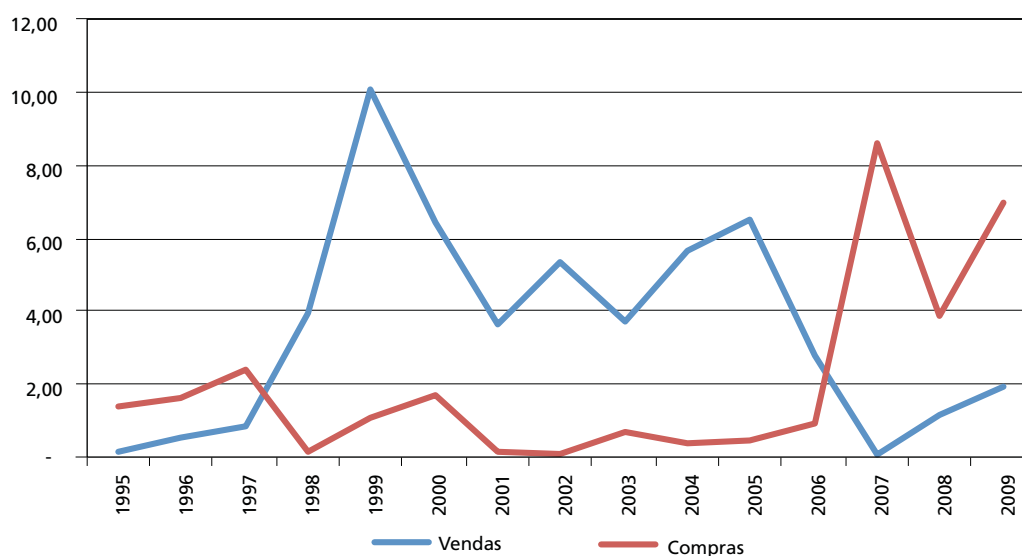
3. Como efeito dessa medida, em 2008 e 2009, foram desembolsados US\$ 3,3 bilhões e US\$ 3,4 bilhões, respectivamente, como empréstimos para investimentos no exterior (THE EXPORT-IMPORT BANK OF KOREA, 2009).

4. Para mais detalhes sobre essas medidas, ver Kim e Rhe (2009).

GRÁFICO 2

Fusões e aquisições entre empresas coreanas e estrangeiras

(Em US\$ bilhões)



Fonte: WIR Statistics (UNCTAD).

2.1 Tendências setoriais e geográficas do IDE sul-coreano após a crise de 1997

O crescimento expressivo dos fluxos de saída de investimentos diretos a partir de 2003 trouxe consigo a consolidação de algumas tendências, mas também mudanças significativas. Em termos setoriais, duas tendências merecem destaque: *i*) a manufatura, que desde a década de 1990 já vinha sendo o setor preferencial dos investimentos coreanos, a partir de 2003 ampliou fortemente sua participação nos investimentos feitos no exterior; e *ii*) os IDEs em mineração vêm crescendo com bastante força desde 2003 e tornaram este setor o que mais tem recebido investimentos coreanos desde 2009.

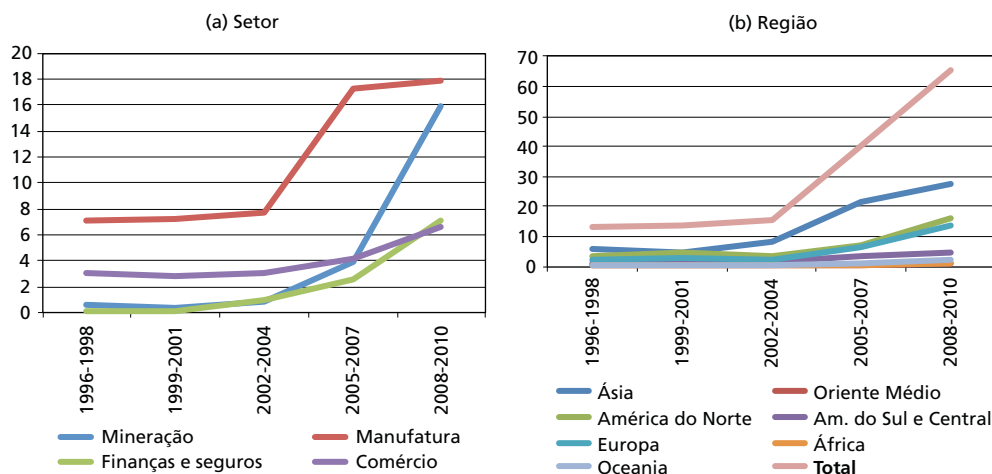
No que diz respeito ao aspecto geográfico, o vigoroso crescimento dos fluxos de saída de IDE teve papel importante na consolidação da Ásia como maior receptor dos investimentos coreanos, com destaque para a China que entre 2002 e 2008 foi o principal destino desses investimentos, mas que vem perdendo espaço desde então.

Em termos de fluxos de investimento, os setores de manufatura, mineração, comércio e finanças e seguros foram os que tiveram maior aporte na última década. Considerando um período que vai de 1996 a 2010 e o fluxo acumulado a cada três anos, observamos que a crise financeira de 1997 teve pouco impacto sobre o perfil setorial do IDE coreano (gráfico 3a). De fato, a primeira mudança significativa no fluxo de saída de investimentos se dá no período 2002-2004, quando o governo começa a dar incentivos para os empresários locais interessados em investir no exterior. Nesse período, houve incrementos em todos os setores aqui discutidos, com destaque para o grande salto verificado nos investimentos realizados no setor de manufatura, que parte de quase US\$ 8 bilhões para mais de US\$ 17 bilhões (gráfico 3a). Em 2010, o setor manufatureiro respondeu por 39% do estoque de investimentos externos da Coreia do Sul (tabela 2).

GRÁFICO 3

Evolução do IDE – valores acumulados de três em três anos

(Em US\$ bilhões)



Fonte: Korean Eximbank, disponível em: <<http://www.koreaexim.go.kr/>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

Outra mudança significativa foi o forte crescimento dos investimentos em recursos naturais. Como efeito do aumento nos preços do petróleo e outras *commodities* minerais e da grande dependência da Coreia do Sul em relação à esses produtos, os investimentos em mineração saltaram de, aproximadamente, US\$ 1 bilhão no acumulado 2002-2004, para US\$ 4 bilhões entre 2005 e 2007 e US\$ 16 bilhões entre 2008 e 2010. Este crescimento fez que o estoque de investimentos no setor minerador se tornasse, em 2010, responsável por 15% de todo o estoque externo de IDE coreano.

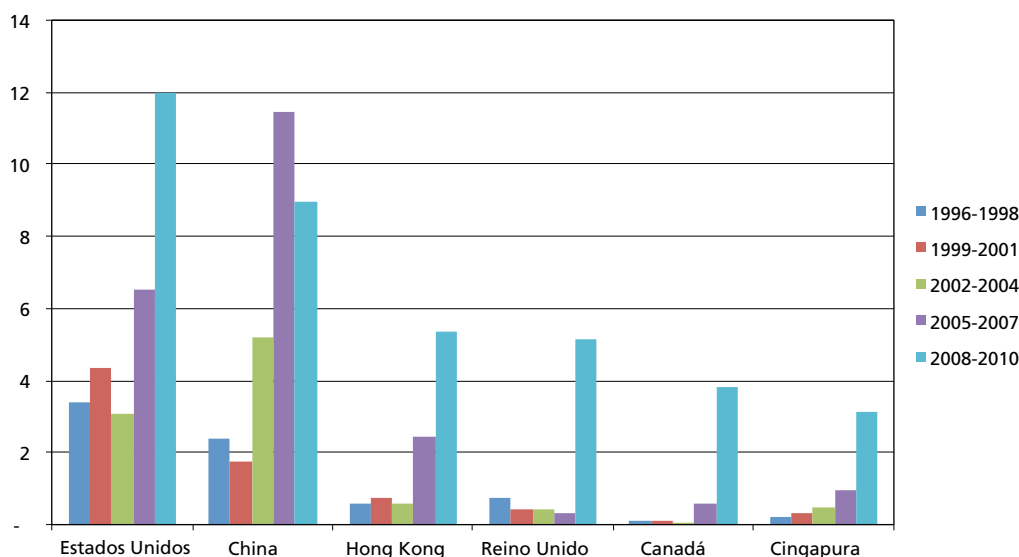
Já em relação ao destino geográfico dos IDEs, as empresas coreanas têm direcionado seus investimentos preferencialmente para a Ásia, a América do Norte e a Europa. Em 2010, a distribuição de investimentos coreanos para estas regiões foi de, respectivamente, 45%, 23% e 18% do estoque investido (tabela 2).

A partir de 2002, a Ásia consolidou-se como destino prioritário dos IDEs coreanos. Esta consolidação teve como ponta de lança o incremento dos investimentos para a China (gráfico 4).

GRÁFICO 4

Principais destinos do IDE coreano

(Em US\$ bilhões)



Fonte: Korean Eximbank, disponível em: <<http://www.koreaexim.go.kr/>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

O significativo crescimento do fluxo de IDE em mineração, em especial em recursos energéticos, desde 2006, e a importante queda nos investimentos em manufatura em 2008 e 2009, fizeram, entretanto, que a China, principal destino dos investimentos em manufatura, perdesse a posição de maior receptor de IDE sul-coreano para os Estados Unidos, ao mesmo tempo que o Reino Unido e o Canadá receberam importantes parcelas desses investimentos diretos no último triênio por terem tido empresas no setor petrolífero como alvo de significativas aquisições da estatal Korea National Oil Corp. (KNOC)⁵ (gráfico 4).

2.2 Estratégias de investimento das empresas coreanas

Podemos verificar, a partir dos dados da tabela 3, uma forte relação entre os destinos geográficos e setoriais dos investimentos coreanos, principalmente em relação aos valores investidos nos países asiáticos. Dos investimentos realizados na Ásia, 54% destinam-se à manufatura e apenas 9% ao comércio. Esta concentração regional – a Ásia responde por 45% do estoque externo de IDE – e setorial é fruto da busca por mercados (*market-seeking*) e por eficiência (*efficiency-seeking*) por meio da redução de custo de produção. Estes dois aspectos estão intimamente relacionados com alguns dos principais fatores que têm empurrado as empresas coreanas para o exterior: forte aumento do custo de mão de obra e saturação do mercado local.

5. A KNOC comprou os controles acionários da companhia canadense Harvest Energy Trust por US\$ 3,9 bilhões em 2009, disponível em: <http://www.knoc.co.kr/ENG/sub03/sub03_1_2_1.jsp>, e da companhia britânica Dana Petroleum por US\$ 2,95 bilhões em 2010, disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,EMI174367-16355,00-KOREA+NATIONAL+OIL+ADQUIRE+CONTROLE+DA+DANA+PETROLEUM.html>>.

O aumento do custo de mão de obra foi um dos aspectos mais importantes na perda da competitividade das empresas coreanas na década de 1990 e tiveram, por isso, papel relevante na crise de 1997 (CHANG, 2003). Desde o início daquela década, portanto, as empresas coreanas começaram a transferir para os países da Associação de Nações do Sudeste Asiático (Asean) e para a China indústrias intensivas em trabalho, como a têxtil. Depois, esta motivação foi de grande importância para a saída de investimentos em direção aos setores de equipamentos eletrônicos e de telecomunicações e ao setor automotivo. Lee (2007) apresenta um levantamento feito pelo Korean Eximbank junto às empresas coreanas que investem no exterior, segundo o qual 45,1% dos investimentos em manufatura são motivados pela busca da redução do custo do trabalho, sendo 52,1% no setor têxtil, 41,7% no de equipamentos eletrônicos de telecomunicação e 38,7% no setor automotivo. A busca por eficiência foi também apontada como principal motivação para os investimentos na China, 47,9%, e como segunda principal motivação geral dos investimentos, 38,5% (tabela 1).

Por outro lado, a busca de novos mercados tem sido vital para as empresas coreanas, uma vez que o mercado sul-coreano encontra-se saturado para as grandes companhias em diversos setores.⁶ Esse objetivo foi a principal razão apontada para investir no exterior, 47,1%, e é a principal motivação para os investimentos feitos nos mercados desenvolvidos dos Estados Unidos e da Europa – 65,1% e 66,7%, respectivamente.

TABELA 1

Motivação do IDE sul-coreano por destino e setor

(Em %)

Motivação	Destino			Setores			Principais Motivações	
	China	EUA	Europa	Manufatura	Equipamentos eletrônicos e de telecomunicações	Automóveis		Indústria têxtil
Assegurar ou desenvolver mercados locais ou de terceiros países	41,2	65,1	66,7	43,5	50,9	50,7	41	47,1
Utilizar baixo custo local do trabalho	47,9	4,7	8,8	45,1	41,7	38,7	52,1	38,5
Evitar barreiras comerciais	3,2	2,3	0,7	3,4	2,9	4,4	3,2	3,1
Assegurar matérias-primas	4,6	3,5	4,8	4,2	0,6	0,9	2,1	4,4
Adquirir vantagens tecnológicas e de gestão	1,1	21,2	11,6	2,1	2,5	4,4	0,8	4,1
Desenvolver recursos naturais	2,1	3,2	7,5	1,8	1,4	0,9	0,7	2,8

Fonte: Korean Eximbank (*apud* LEE, 2007, p. 84 e 85).

6. Um bom exemplo disso é o mercado de automóveis na Coreia do Sul. Em 2009, a Hyundai Motor Company, dona das marcas Hyundai e Kia Motors, foi responsável por 77,5% das vendas locais, disponível em: <www.kama.or.kr/eng/K_eng_main.jsp>.

TABELA 2
Perfil geográfico e setorial do IDE sul-coreano – 2010
 (Em US\$ milhares)

Região	Manufatura	Mineração	Comércio	Atividades financeiras e securitárias	Atividades imobiliárias	Atividades profissionais, científicas e técnicas	Subtotal	Outros setores	Total geral	Total geral (%)
Ásia	40.168.257	4.183.233	6.949.663	5.705.533	4.824.344	2.888.629	64.719.659	9.082.641	73.802.300	45
Oriente Médio	318.780	1.736.239	147.009	10.184	165.084	7.200	2.384.496	390.576	2.775.072	2
América do Norte	10.035.176	6.845.987	9.321.855	2.186.192	1.929.103	2.431.057	32.749.370	5.151.990	37.901.360	23
América do Sul e Central	2.293.387	3.156.893	701.656	3.258.851	924.443	1.524.279	11.859.509	857.059	12.716.568	8
Europa	10.970.635	4.935.372	4.772.805	538.238	2.945.310	3.399.551	27.561.911	2.095.820	29.657.731	18
África	278.980	1.370.398	229.274	19.119	112.233	10.720	2.020.724	361.344	2.382.068	1
Oceania	330.670	1.816.726	471.220	263.846	392.627	2.599	3.277.688	857.391	4.135.079	3
Total	64.395.885	24.044.848	22.593.482	11.981.963	11.293.144	10.264.035	144.573.357	18.796.821	163.370.178	100
Total (%)	39	15	14	7	7	6	88	12	100	

Fonte: Korean Eximbank, disponível em: <<http://www.koreaexim.go.kr/>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

TABELA 3
Participação dos setores por região
 (Em %)

Região	Manufatura	Mineração	Comércio	Atividades financeiras e securitárias	Atividades imobiliárias	Atividades profissionais, científicas e técnicas	Subtotal	Outros setores	Total geral
Ásia	54	6	9	8	7	4	88	12	100
Oriente Médio	11	63	5	0	6	0	86	14	100
América do Norte	26	18	25	6	5	6	86	14	100
América do Sul e Central	18	25	6	26	7	12	93	7	100
Europa	37	17	16	2	10	11	93	7	100
África	12	58	10	1	5	0	85	15	100
Oceania	8	44	11	6	9	0	79	21	100
Total	39	15	14	7	7	6	88	12	100

Fonte: Korean Eximbank, disponível em: <<http://www.koreaexim.go.kr/>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

Um dos aspectos mais importantes do IDE é o impacto que ele tem sobre a atividade econômica do país investidor. Neste sentido, alguns pontos merecem atenção. Primeiramente, os investimentos feitos pelas empresas sul-coreanas na Ásia têm tido impacto significativo sobre o aumento do comércio de bens intermediários (SUH, 2009). De cerca de 33% em 1995, este comércio cresceu mais de 40% em 2005. Tal crescimento está em consonância com os dados de realização de IDE pela Coreia do Sul que apontam investimentos no exterior em setores industriais de bens intermediários e trabalho-intensivo, ao mesmo tempo que os dados de comércio têm apresentado vigorosos superávits na balança comercial do país desde 1998.

Em segundo lugar, um estudo publicado por Ahn *et al.*⁷ em 2004 chegou à conclusão que, em geral, os investimentos coreanos no exterior tem impactado positivamente o emprego, o comércio e a produtividade total dos fatores. Entretanto, isso não ocorre em todos os setores. Nos de alta e média tecnologia, os investimentos feitos no exterior afetam positivamente as exportações. Mas isto não acontece com os setores de baixa tecnologia – com proporção considerável de micro e pequenas empresas e direcionados principalmente para a Ásia –, onde a saída de investimentos tem gerado efeito negativo sobre o comércio e o emprego.

Por fim, Lee (2007) acentua o papel das micro e pequenas empresas que, em busca de eficiência, têm migrado proporções altas da produção para os países com baixo custo de mão de obra na Ásia, sendo, em 2004, responsáveis por 27% do fluxo de saída de IDE sul-coreano. Os investimentos externos destas empresas têm tido impacto positivo sobre a balança comercial sul-coreana, entretanto, não há conclusão clara, uma vez que parte do efeito positivo sobre as exportações pode se referir, também, ao próprio efeito da transferência de fábricas da Coreia do Sul para o exterior.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A economia da Coreia do Sul passou por significativa reestruturação após a crise de 1997. Entre as mudanças ocorridas, mereceu destaque a liberalização do mercado de capitais que desde então tem permitido a entrada e a saída de IDE com poucas restrições.

Como visto, a despeito do forte impacto da crise de 1997 sobre a economia coreana, ela voltou a crescer firmemente a partir de 1999, ainda que com taxas menores que as das décadas anteriores. Nesse contexto, a crescente internacionalização das empresas do país não deve ser vista como fuga de capital, mas sim como tentativa de conquistar mercados e tecnologias que apoiem o crescimento interno sul-coreano e de aumentar a competitividade das empresas a partir da redução dos custos de produção. Pode ser visto, também, como um novo padrão de inserção sul-coreana no processo global de acumulação de capital, com a estratégia de reduzir custos e acessar mercados e tecnologias, sem descuidar de investimentos em novas alternativas para suprir a demanda interna por recursos energéticos.

7. Lee (2007) chega às mesmas conclusões de Ahn *et al.* (2004) sobre o impacto positivo dos investimentos diretos.

REFERÊNCIAS

- AHN, S. *et al.* **The economic impacts of outbound FDI and trade:** the case of Korea. Seoul: Korea Development Institute, 2004.
- CHANG, S.-J. **Financial Crisis and Transformation of Korean Business Groups:** The Rise and Fall of *Chaebols*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO (UNCTAD). **World Investment Report 2006:** FDI from Developing and Transition Economies – Implications for Development. New York; Geneva: United Nations, 2006.
- HIGARA, T. **Developments in corporate governance in Asia:** the case of Korea's LG Group. Tokyo: NLI Research, 2010. Disponível em: <www.nli-research.co.jp/english/socioeconomics/2010/li100125.pdf>.
- KIM, E. H.; KIM, K. Changes in Korean corporate governance: a response to crisis. **Journal of Applied Corporate Governance**, Morgan Stanley, v. 20, n. 1, 2008.
- KIM, M. N.; RHE, D. K. Trends and determinants of South Korean outward foreign direct investment. **The Copenhagen Journal of Asian Studies**, Copenhagen, v. 27, n. 1, 2009.
- KWAK, J. S. **Korean OFDI:** investment strategies and corporate motivations for investing abroad. Santiago: Cepal, 2007 (Serie Desarrollo Productivo, n. 182).
- LEE, S.-B. New trends and performance of Korean Outward FDI after the financial crisis. **International Finance Review**, v. 7, p. 75-96, 2007.
- LEE, W. L. **IMF conditionality and corporate governance in Korea.** Seoul: Myongji University, 2006. Disponível em: <www.iksa.or.kr/search/down.php?rcode=1100002&num=983>.
- MIN, B. S. Trade and foreign direct investment patterns in the Republic of Korea in the aftermath of the 1997 Asian Financial Crisis. **Asian-Pacific Trade and Development**, v. 2, n. 1, 2006.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **A verdadeira riqueza das nações:** vias para o desenvolvimento humano. Relatório de Desenvolvimento Humano 2010. Edição do 20º Aniversário. 2010. Disponível em: <http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2010_PT_Complete_reprint.pdf>.
- SHIN, M.; MIRZA, H.; KIM, K.-N. Foreign direct investment by the Republic of Korea in the People's Republic of China. **Asian Development Review**, Asian Development Bank, v. 26, n. 2, p. 102-124, 2009.
- SUH, Y.-K. Fragmentation of international trade. **Seri Quartely**, Seoul, Samsung Economic Research Institute, 5 Jan. 2009.
- THE EXPORT-IMPORT BANK OF KOREA. **Annual Report 2009.** Seoul, 2009.
- YANG, X. *et al.* Internationalization of Chinese and Korean firms. **Thunderbird International Business Review**, v. 51, n. 1, p. 37-51, 2009.